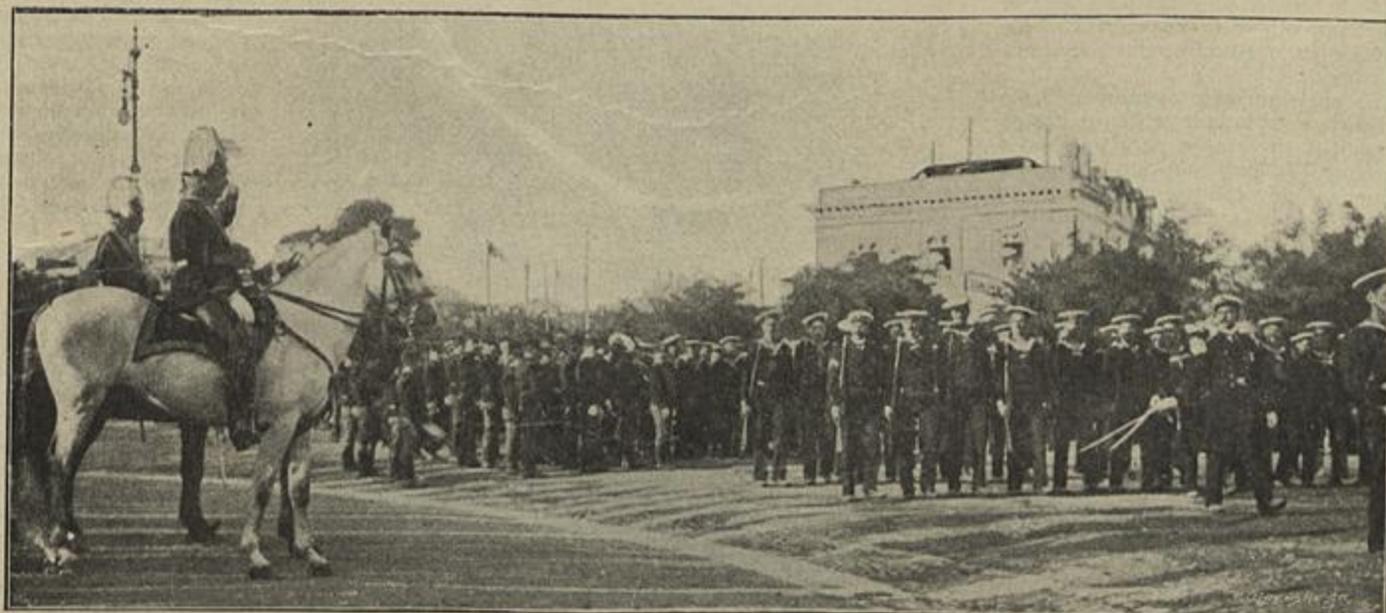
# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

**Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA**

XXXI Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 20 de Setembro de 1908 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 | N.º 1070


## Centenario da Guerra Peninsular

A PARADA DE 15 DO CORRENTE

S. M. EL-REI D. MANUEL II COM S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO E SR. MINISTRO DA GUERRA, SEGUIDOS DO ESTADO MAIOR

O CORPO DE MARINHEIROS DESFILANDO EM CONTINENCIA A S. M. EL-REI

*(Clichés Alberto Lima)*

# Chronica Occidental

Não podia ser peior a ocasião em que o nosso querido collega chronista, se ausentou para o estrangeiro e nos deixou o encargo de o substituir, ainda que mal, nesta chronica do occidente, quando de resto a vida da nossa terra dormita nas consoladoras séstas do campo por tardes de calor, ou se refresca nas «occidentaes praias lusitanas» que depois de terem sido cantadas por Camões, ouvem agora, quando muito, cantar o fado.

Pois assim é, e emquanto o nosso querido amigo vae por esse mundo em fóra até á areenta Berlim divertir-se no congresso da imprensa, que fiquemos nós aqui a explorar assuntos para a chronica onde não ha assuntos que explorar.

Elle em verdadinha não deixa de haver assunto, mas são coisas irritantes para esta chronica que deve ser leve e fresca, pois para calor bem basta o que o ceu nos manda com suas trovoadas á mistura.

O que se hade escrever de fresca neve no momento em que tudo protesta e até o pacifico, acomodaticio galego se insurge?!

Temos a festa do Centenario da Guerra Peninsular, mas della se occupa em artigo especial o Occidente com suas gravuras e os 7:000 soldados que desfilaram pela Avenida, com grande prazer do publico, que se péla por ver tropa e acompanhal a ao rufar dos tambores.

O espirito bélico está-lhe na massa do sangue e, comtudo, não ha povo mais pacifico.

Temos pois, Guerra Peninsular de menos a falar e ainda bem, porque não se querem guerras, não fossem as boas madres do Quelhas com o seu exercito de educandas, tambem protestar, se aqui falassemos das carabinas que, por alta noite alguns noticiaristas somnambulos, para lá viram entrar, disfarçadas de capote e lenço, á antiga portuguêsa.

Patranhas para entreter ingenuos no noticiario barato, nesta calmaria de casos de sensação, pois quanto a carabinas o mais que as madres consomem são ovos para fazer lampreias doces, deliciosas de gulodice como é de fama e de sabor na guloseima nacional.

De coisas serias poderiamos falar se entendessemos da questão de vinhos, que tem levantado protestos dos viticultores do sul contra as concessões que o governo fez aos viticultores do Douro, no decreto aprovado em côrtes.

E' este um dos protestos que apareceu, mas ha mais, muitos mais de diferentes generos, como o dos acionistas da Companhia dos Tabacos, na ultima assembleia, por não receberem dividendo, que ficou para o inverno, assim como as pitorescas revelações do sr. Conde de Burnay, que promete dar a publico em varios volumes...

Os pescadores que protestam contras as redes de arrasto com que os vapores inglêses apanham todo o peixe do mar alto, e abastecem Lisboa, onde nunca se comeu peixe tão barato.

Os estudantes cabulas que protestam por acharem mais comodo estudar no verão para fazerem exames no outono, o que muito paternalmente o governo concedeu, aprovado pelos papás dos meninos, em côrtes.

Do norte ao sul protestam os marceneiros e os latoeiros contra a entrada livre de direitos de moveis estrangeiros importados para projétados hoteis de luxo que, por emquanto, ainda não passaram do papel. A industria nacional insurge-se e com razão por nem ao menos lhe concederem a habilidade de fazer uma banheira, emquanto o Estado lhe reconhece todas as aptidões para a tributar com impostos e adicionaes!

Assim assistisse o mesmo direito aos moços de fretes para protestarem contra os fardamentos e banhos que lhe querem impôr.

Não teem razão os mansos filhos de Tuy e da Redondela neste país em que tudo anda fardado, desde os pobres do asilo até aos ministros em disponabilidade.

E não teem seu fardamento, e bem bonito, os moços fidalgos? de calça branca e casaca encarnada, salvo erro.

Nós bem sabemos que andam por ahi muitos mariolas sem fardamento, mas isso não é razão para que os mariolas habilitados com a competente chapa não se fardem, e antes pelo contrario, afim de sabermos quem são os mariolas oficiaes a que confiadamente se póde entregar um frete ou um recado importante, e os mariolas particulares, intrusos que nos pódem fazer partida.

Quanto a banhos já a policia declarou aos insurgentes que era pêta, o que logo nos pareceu tambem, porque o asseio não é obrigatorio para ninguem e todos teem o direito de ser esqualidos á sua vontade.

Já Julio Cesar Machado contava aquelle caso da taverna do Poço onde os galegos cahiram um dia, e as dificuldades em que depois se viram para se reconhecerem uns aos outros, quando de lá sahiram com as caras lavadas.

Lá banhos é que não. O fardamento talvez, porque entre a blusa de ganga azul e o voltar para a Redondella sae mais barato o fardamento.

Mas os protestos não param e agora são os tasqueiros da Feira de Agosto que reclamam contra as multas, que a policia aplicou ás *pobrecitas* das *camareras*, por estas se sentarem á mesa dos freguêses e arrancharem ás iscas e caldeiradas. Os reclamantes alegam que ellas não fazem aquillo por *nadie*, mas para descansar as pernas de todo o dia andarem de pé e nem sequer terem o descanso semanal decretado pelo sr. João Franco...

Os *constantes leitores* do *Diario de Noticias* tambem se sahiram nos ultimos dias a protestar contra a imundicie das ruas, agora que veem ahi 380 medicos alemães visitar Lisboa de passagem no *Oceania*.

Nós alvitramos que para condigna e significativamente receber esta visita, o governo autorise o municipio a dispender até á quantia de 380 réis, ou dezenove vintens em vassouras para asseiar a cidade e a pôr um brinquinho de limpesa e higiene, afim de vir cá o resto dos medicos alemães, que ainda por lá ficou, vêr como isto é terra de aceio e de juizo.

Protestam!... basta de protestos sob este regimen de moratorias.

Caetano Alberto.

## Centenario da Guerra Peninsular

### A festa do dia 15 de setembro

O dia 15 de setembro de 1808, em que, no Caes do Sodré, embarcou para bordo da fragata inglêsa *The nymph*, do comando de Pery, o general Junot, duque de Abrantes, com sua comitiva, e parte das tropas francêsas que assim evacuavam a nossa capital, quinze dias depois da celebre convenção de Cintra, esse memoravel dia foi comemorado em Lisboa com uma festa militar e patriotica, que comoveu a população, por ser tambem uma festa do povo, que ha cem annos, como hoje o faria, se levantou em massa de um extremo ao outro do país, para defender a independencia da patria e se libertar do jugo estrangeiro.

GENERAL MORAES SARMENTO

PRESIDENTE DA COMISSÃO DA IMPRENSA

GENERAL RODRIGUES DA COSTA

PRESIDENTE DA COMISSÃO OFICIAL

Foi um dia de festa com feriados em todas as repartições publicas incluindo a alfandega; muitos estabelecimentos fecharam dando sueto a seus empregados, e até o sol pareceu mais radiante no ceu azul, realçando as galas da cidade.

O programa oficial da comissão militar do Centenario foi executado e constava de:

1.º Lançamento da pedra fundamental do monumento a erigir em Lisboa em honra do povo e dos heroes da guerra peninsular, como solemnisação do levantamento nacional de 1808.

2.º Entrega das bandeiras condecoradas com as legendas camoneanas, aos regimentos de infantaria 9, 11, 21 e 23, em cumprimento do n.º 7 do artigo 11.º do referido programa oficial e da ordem do exercito n.º 15 (1.ª serie) de 21 de agosto do corrente anno.

Para a realisação deste programa formaram os regimentos da guarnição de Lisboa em parada, no Campo Grande, juntamente com uma força de marinheiros da armada e a dos sargentos aspirantes da Escola do Exercito, que fizeram guarda de honra a El-Rei, junto do pavilhão, que se armou, na praça Mousinho de Albuquerque, para a ceremonia do lançamento da pedra fundamental do monumento.

Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, com seu Estado Maior, passou revista ás tropas no Campo Grande, e dirigiu se depois para a praça Mousinho de Albuquerque, onde era aguardado pelo ministerio, côrte e altos dignitarios, camara municipal, comissão oficial do centenario e grande numero de convidados que enchiam as tribunas juntas ao pavilhão real, destacando-se por suas *toilettes* de côres leves e finas muitas senhoras formosas, que dão sempre realce ás festas a que concorrem.

No pavilhão foi lavrado pelo sr Sant'Anna, escrivão da camara, o auto da fundação do monumento, o qual El-Rei assignou com o ministerio e mais pessoas presentes.

Em seguida, Sua Magestade encaminhou-se para o logar em que fôra aberto o cabouco do monumento, em frente do pavilhão real, e ali, tomando das mãos do sr. vice-almirante Ferreira do Amaral, presidente do conselho, o cofre com as moedas do tempo, o colocou na cavidade aberta no cabouco, fazendo o mesmo ao tubo de vidro, que continha o auto, e que recebeu das mãos do sr. general Rodrigues da Costa, presidente da comissão oficial. Assim colocados o cofre e tubo, El-Rei lançou a primeira colher de

El-Rei recebendo das mãos do sr. presidente do conselho o cofre com as moedas

argamassa e bateu com um martelo as pancadas do estilo sobre a pedra que fechou a cavidade, com o que concluiu a significativa ceremonia.

Voltou El-Rei ao pavilhão a fazer entrega das bandeiras com as legendas camoneanas aos comandantes dos regimentos 9, 11, 21 e 23 ali representados por contingentes destes corpos que praticaram gloriosos feitos na batalha de Vitória em 21 de julho de 1813.

As legendas são:

«*Julgareis qual é mais excellente.*
*Se ser do mundo rei se de tal gente.*»

«*Distincto vós sereis na lusa historia*
*Com os louros que colhestes na victoria.*»

Estas legendas concedidas ás bandeiras daquelles regimentos por decreto de 13 de novembro de 1813 para nellas serem conservadas emquanto existisse um oficial ou soldado dos que haviam feito a campanha, foram retiradas quando efetivamente morreu o ultimo destes heroes.

O decreto, porém, de 21 de agosto deste anno, mandou restaurar essas legendas nas bándeiras dos respetivos regimentos, o que se fez com a solemnidade que descrevemos.

Esta parte do programa foi a mais tocante, a que provocou maior entusiasmo.

Os comandantes dos referidos corpos, receberam por sua vez das mãos de El-Rei as bandeiras, que depois as passaram aos alferes dos respétivos contingentes. A este tempo as forças militares apresentaram armas e os clarins tocaram a marcha de guerra, confundindo-se as suas notas agudas com o soar do himno nacional, executado pelas bandas regimentaes, e salvando a artilharia com 21 tiros.

Mas todo este estrondo quasi se abafava por milhares de bocas e mãos que soltavam vivas e davam palmas em impetos de caloroso entusiasmo.

Já o sol principiava a inclinar se para o orisonte, quando as tropas, na força de uns 7:000 homens, marcharam do Campo Grande e vieram passar em continencia a Sua Magestade El-Rei D. Manuel.

El-Rei a cavalo, com o seu Estado Maior, postou-se ao cimo da Avenida da Liberdade, na praça Marquês de Pombal, tendo á direita S. A. o Serenissimo Infante D. Affonso e á esquerda o sr. Ministro da Guerra, general Sebastião Telles.

Ali recebeu a continencia das tropas que desfilaram na seguinte forma:

Banda de infantaria 15, com o contingente da Escola do Exercito, vindo á frente dois soldados de lanceiros; banda e contingente da armada; banda de infantaria 7, clarins e contingente de artilharia do campo intrincheirado; banda de caçadores e contingente de engenharia.

Seguia-se uma brigada de infantaria, com a banda e regimento de infantaria 1; banda e regimento de infantaria 2; banda e batalhão de caçadores 2, com as respetivas metralhadoras, seguindo á frente 11 soldados montados em bicicletes; bandas e regimentos de infantaria 5 e 16; banda e batalhão de caçadores 2, com as metralhadoras; contingente de lanceiros 2, com os respetivos clarins á frente; cavalaria 4, tambem com clarins; artilharia montada, trazendo á frente a respetiva charanga.

Estas forças seguiram todas Avenida abaixo por entre as alas de povo que se aglomerava nos passeios e jubiloso assistiu ao desfilar dos regimentos descobrindo-se respeitosamente á passagem das bandeiras.

Era sol posto e com o dia não acabou a festa, pois que o repique dos sinos das egrejas annunciavam luminarias, como de facto iluminaram todos os estabelecimentos publicos e alguns particulares.

Não terminaremos esta noticia sem frisar que a festa de 15 de setembro, deu ensejo a mais uma manifestação de simpatia pelo joven monarca, que foi, durante ella, alvo de calorosas aclamações do povo que enchia as praças e avenidas por onde El-Rei passou, e das senhoras, que nas janellas lhe davam palmas e lançavam flôres a atapetarem-lhe o caminho, como se vê pelo nosso instantaneo, tirado na Avenida Ressano Garcia.

As aclamações a S. M. El-Rei D. Manuel

## JUNOT

O general sob cujas ordens entrou em Portugal o exercito francez que realisou a primeira das tres invasões, chamava se Junot, e, a seu respeito, lê-se em Bouillet, este resumido, mas curioso artigo biographico:

«*Junot* (Andoche), duc d'Abrantès, général français, né à Bussy-le-Grand (Côte-d'Or), en 1771, d'une famille aisée, partit comme volontaire à l'époque de la Révolution, et se fit remarquer au siége de Toulon (1793) par sa valeur impétueuse; fut emmené en Egypte par le géneral Bonaparte comme aide de camp, se distingua surtout au combat de Nazareth, fut à son retour, nomme général de division (1801,) puis commandant et enfin goverseur de Paris (1804). Mis en 1807 à la tête de l'armée dirigée contre le Portugal, Junot s'empara facilment de ce pays et en fut nommé governeur, avec le titre de duc d'Abrantès. Mais il n'était pas à la hauteur de sa position, et, en 1808, après avoir été défait à Vimeiro par Wellesley (depuis lord Wellington), il dut signer la capitulation de Cintra, et abandonner sa conquête. Cet échec lui attira la disgrâce de Napoléon; néamoins, il prit part à la guerre d'Espagne (1810), à celle de Russie (1812), et fut nommé governeur des provinces Illyriennes. Mais sa raison s'égara tout à comp et il fut obligé de revenir en France où il mourut en 1813.»

Na terrivel conjunctura em que todos os actos dos revolucionarios de 89 haviam concluido por uma verdadeira empalmação do poder, executada por um soldado a quem o rasgo feliz de Toulon fôra largo caminho que o conduziu ao primado consular e logo depois á corôa de imperador, em tal terrivel conjunctura a ambição insaciavel do audaz vencedor de Marengo e de Austerlitz, pesou na peninsula da Iberia com todo o desassombro que lhe permittia o triste facto, de não haver no governo dos seus povos homens d'aquella rigida tempera dos Cides e dos Alvares Pereiras.

Com Carlos IV, rei da Hespanha, celebrou Napoleão um tratado de iniqua divisão em que ficaram registadas bases de partilha territorial não só attentatorias dos direitos adquiridos e consagrados pelo curso do tempo, mas tambem e muito mais dos fundamentaes principios da dignidade humana: a occupação de Portugal por um exercito de quarenta e cinco mil homens, dos quaes oito mil hespanhoes; a provincia do Minho erecta em reino da Lusitania septentrional, compensando o neto de Carlos IV, rei da Etruria, perdida em favor de Napoleão; o Alemtejo e Algarve formando o reino do Algarve destinado ao principe da Paz, o celebre Godoy, ministro e favorito do mesmo Carlos IV!

Por esta época, 1807, fazia o dominador aprestar forças para operações de conquista.

«Deu pois ordem ao general Junot, affirma Gallois, de se pôr á frente do corpo de exercito de observação da Gironda e de marchar sobre Lisboa. Mandou-se embargar todas as embarcações portuguezas que se achavam nos portos de França, e declarou-se guerra a Portugal: Napoleão annunciou que a *Casa de Bragança tinha cessado de reinar*. Junot chegou a Bayona a 5 de Setembro, e transpoz os Pyreneus alguns dias depois.»

Já deixei escripto, precedentemente, que o principe D. João, que a ausencia de luz no cerebro da filha e herdeira de D. José, investira no mando, nomeando uma regencia embarcára com destino ao Brazil e largára o Tejo no dia 29 de novembro do citado anno de 1807.

A villa d'Abrantes, cahira em data recente debaixo do dominio de Junot, e este, no dia 30, quando ainda não eram de todo occultos nas sombras propicias do magestoso elemento liquido os fugitivos da patria, dava entrada na capital portugueza!

Em fevereiro de 1808, Junot, arrogando-se auctoridade que não tinha, nomeou novos regentes a que presidiu, em nome do seu amo, e publicando

Um contingente com o alferes porta bandeira com a legenda

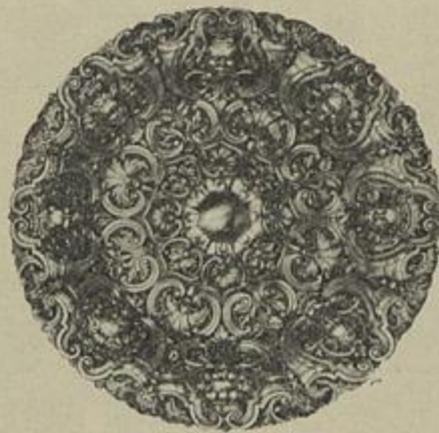
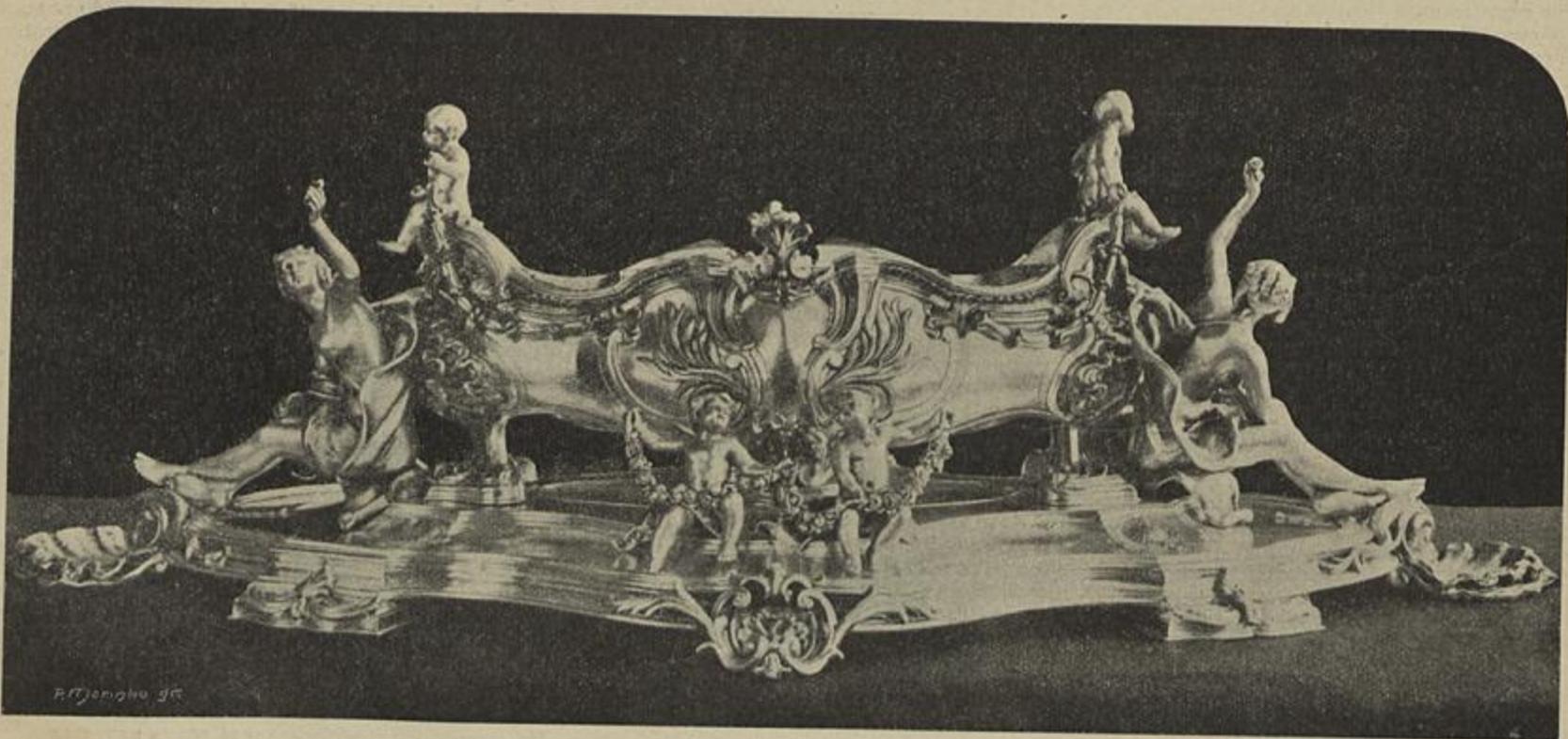
# Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

## Joalharia Leitão & Irmão

BULE, CHALEIRA, ASSUCAREIRO E CAFETEIRA, EM PRATA CINZELADA, ESTYLO D. JOÃO V

DIAMETRO, $0^{m},60$

DIAMETRO, $0^{m},40$

DIAMETRO $0^{m},60$

FRUCTEIRAS, EM PRATA LAVRADA, ESTYLO GOTICO E MANUELINO

CENTRO DE MESA, EM PRATA CINZELADA, ESTYLO D. JOÃO V

# Concurso Militar de Natação

CHEGADA DO VENCEDOR

O VENCEDOR COM A TAÇA DE S. M. EL-REI

Este concurso, promovido pela Liga de Natação, destinado a praças do exercito e da armada, realizou-se no dia 6 do corrente, no Tejo, fazendo os concorrenttes a travessia entre Trafaria e Pedrouços. Inscreveram-se 95 concorrentes. Vencedor Joaquim Matheus Junior, 2.º grumete do crusador *D. Carlos* que fez a travessia em 42 minutos, o qual ganhou para o seu navio a Taça oferecida por El-Rei, e para si as medalhas de prata e de bronze da Liga, e 15$000 réis da Sociedade de Geographia. Ganharam medalhas de bronze, por terem feito o percurso em menos de uma hora, mais 6 concorrentes sendo 3 marinheiros 1 chegador e 2 soldados da companhia de torpedeiros. Foram conferidas medalhas de prata da Sociedade de Geografia a mais 23 concorrentes. Presidiu ao juri S. A. o Senhor Infante D. Affonso.

DIVERSÕES DE VERÃO — NO LAGO DO PARQUE DAS CALDAS DA RAINHA

o vexatorio decreto de 23 de dezembro, firmado em Milão pelo imperador, encetou a extorsão de quarenta mil cruzados impostos a Portugal como contribuição em semelhante diploma.

Em 10 de junho do mencionado anno o principe D. João fazia imprimir, publicar e notifica-va o, o documento do teor seguinte:

«Havendo o Imperador dos Francezes invadido os Meus Estados de Portugal de huma maneira a mais aleivosa, e contra os Tratados subsistentes entre as duas Corôas, principiando assim sem a menor provocação as suas hostilidades, e declaração de Guerra contra a minha Corôa; convém á dignidade della, e á Ordem, que Occupo entre as Potencias declarar semelhantemente a Guerra ao referido Imperador, e aos seus Vassallos; e por tanto Ordeno, que por Mar, e por Terra se lhes fação todas as possiveis hostilidades, authorisando o Corso, e Armamento, a que os Meus Vassallos queirão propor-se contra a Nação Franceza; declarando, que todas as tomadias, e prezas, qualquer que seja a sua qualidade, serão completamente dos Apresadares sem deducção alguma em beneficio da Minha Real Fazenda...»

O primeira grito de revolta contra o jugo que tanto nos oprimia, partiu da cidade do Porto, aos desoito d'aquelle mez de junho e outras povoações se fizeram echo d'esse grito acompanhando o movimento que o teve por origem.

N'este momento apparece-nos auxilio valioso de tropas inglezas, que desembarcam em Portugal, e, juntas aos nossos heroicos e indignados compatriotas de então batem os francezes nas duas memoraveis acções, da Roliça, em 17 d'agosto e do Vimeiro, em 21.

Reportando-se ao combate da Roliça, exprime-se assim, o escriptor inglez Coote:

«A sua posição — (dos francezes) — sobre uma montanha era capaz, na apparencia, de os defender de forças muito mais superiores; mas flanqueados por habeis manobras, foram em breve obrigados a desalojar.»

Conforme narra o general francez Foy, havia no citado combate quinze mil inglezes e douse mil e quinhentos francezes.

Como quer porém que tenha sido, a verdade é que na batalha de Vimeiro, em que o proprio Junot em pessoa tomou o commando suprêmo, occorreu o seguinte, que me apraz transcrever do mesmo Coote:

«Sir Arthur — (Wellesley, o futuro commandante em chefe no dia inconfundivel da famosissima batalha de Waterloo) — encontrou proximo ao Vimeiro um reforço com o qual podia oppôr-se a forças mais superiores á do general Junot, a quem deu um combate. Uma columna unida avançou immediatamente para o centro das tropas alliadas, apesar do terrivel fogo da artilheria, e sem mostrar desalento ou falta de valor. Logo que os aggressores se approximaram da linha, nem por isso as numerosas descargas os intimidaram; mas a carga a baioneta infundiu entre elles a confusão e a desordem pela superioridade da sua cavallaria, reuniram-se promptamente, e formaram uma só linha, como querendo soccorrer a sua ála direita, que estava então no calor da acção junto á estrada da Lourinhã; uma brigada auxiliou os francezes por este lado, até que outras divisões vieram tomar parte no combate. A victoria foi disputada algum tempo ainda obstinadamente; mas emfim, aquelles que tinham invadido e devastado Portugal foram totalmente derrotados.»

No dia 22, ou antes, durante a noite do dia do Vimeiro foi accordada uma suspensão de armas, seguida em 30, da convenção de Cintra, em virtude da qual os francezes evacuaram Portugal com armas e bagagens, não sendo considerados como prisioneiros e nem tão pouco ficando inhibidos do serviço militar mal tocassem terras do seu paiz.

Navios inglezes os receberam a seu bordo no Tejo, nos primeiros dias do mez de setembro, transportando os aos portos da Rochella e Quiberon, na França.

A bandeira portugueza de novo arvorada no castello de Lisboa no dia 15, mostrou aos moradores da cidade o claro brilho de autonomia que n'ella esplende a partir de seculos inolvidaveis e despertou lhes justificadamente o delirio do enthusiasmo legitimo.

E Junot?

Deixêmos o duque d'Abrantes, não queiramos têr nas maculas do seu caracter, de segunda ou terceira ordem, nem lêr nos sonhos de realeza que porventura o embalaram e em que achou gôsto de dita. De nada nos serviria agora pretender proseguir na intelligencia e talvez analyse de factos a que somos perfeitamente extranhos e que em coisa alguma nos interessam.

O preciso e categorico é isto: Junot, vencido, largou a prêsa cubiçada e retirou; Portugal, triumphante, recuperou a independencia e sorriu, glorioso!

D. Francisco de Noronha.

## Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

### A Joalharia Leitão & Irmão

O entusiasmo pelos produtos da arte e da industria portuguêsa, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, não arrefece, e por cada correio que chega novas noticias vem, do muito que esses produtos estão sendo apreciados e até da surpresa que alguns delles causaram, pois não se fazia ali ideia do grande progresso que boa parte de nossas industrias tem atingido.

O *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, um dos diarios mais antigos e mais conceituados daquella cidade, insere desenvolvidas noticias sobre a Exposição e Secção Portuguêsa, em que se encontram, por exemplo, periodos como este:

«Por outro lado e exposição portuguêsa deve encher de orgulho a Portugal, que na contribuição que nos trouxe, acusa ainda um país capaz de bastar-se a si mesmo, graças ao trabalho e á industria dos seus filhos.»

O que se diz com respeito aos produtos, diz-se tambem da boa disposição em que se encontram, no que se esforçou a delegação portuguêsa, procurando quanto possivel colocal-os do melhor modo para produzir agradavel efeito aos visitantes.

A secção de Bélas-Artes, instalada no annexo, que aliaz não prima por seu aspéto exterior, perde-se a má impressão desse aspéto, logo que se transpõe a entrada. Então tudo muda; vê-se que andou ali espirito de artista dispondo, combinando, harmonisando as obras de arte que lá se admiram, num conjunto encantador, que dellas se não podem desprender os olhos, como nellas transluz a alma portuguêsa. O artista que com tanta arte dispoz esta exposição é Jorge Colaço, o inteligente delegado português que tomou a peito o bom desempenho desta dificil comissão, para a qual encontrou recursos no seu genio átivo e lucida inteligencia.

Mas o publico fluminense, que todos os dias invade a exposição, na ancia de conhecer e apreciar tantas obras da arte e da industria que ali se exhibem, quer brasileiras quer portuguêsas, tem detido não pouco sua atenção nas soberbas *vitrines* da Joalharia Leitão & Irmão, de Lisboa, como aquellas que mais prendem suas vistas.

E' destes expositores que hoje nos ocuparemos reproduzindo algumas das obras que enviaram áquelle certamen e dizendo alguma coisa dos trabalhos de suas oficinas, que sobremodo honram a ourivesaria portuguêsa.

Por varias vezes, nas columnas desta revista nos temos referido á casa Leitão & Irmão, sempre que aqui temos publicado algumas das suas bélas obras, por isso preferimos hoje reproduzir o que ácerca da casa Leitão & Irmão, encontramos no bem elaborado *Catalogo Oficial da Secção Portuguesa* pelo sr. B. C. Cincinnato da Costa:

«No renascimento da fabricação artistica dos artigos de ourivesaria em Portugal, tem desempenhado um papel importantissimo a antiga e bem conhecida casa Leitão & Irmão, de Lisboa, que, ha muitos annos, se tem esforçado, sem descanço, em levantar ao seu devido nivel este ramo valioso das artes decorativas. Procurando sobretudo inspirar-se nos motivos tradicionaes da vida portugueza, indo buscar para modelo este ou aquelle objecto, hoje abandonado pelas successivas evoluções do modernismo, mas que representa uma idéa, uma epocha historica notavel, um habito antigo, um vestigio dos usos passados, a casa Leitão & Irmão tem produzido verdadeiras obras d'arte, da mais elevada concepção e incomparavel execução, que a fazem considerar, com justiça, como uma das primeiras do genero em toda a parte.

Principalmente são de uma perfeição admiravel todos os seus trabalhos em prata, que em parte alguma do mundo se fazem melhor. Vimos em New-York as riquissimas installações da casa Tiffany, tão fallada pelas muitas preciosidades que encerra; em Londres, em Paris, os melhores *ateliers* da Regent-Street e da Rue de la Paix; em Napoles, em Roma, e em Milão, o que de melhor e mais bello produz em ourivesaria a fecunda arte italiana; pois em parte nenhuma, os objectos artisticos, em prata cinzelada, se podiam comparar, no valor da concepção ou no trabalho de execução, desde as linhas mais geraes até ás soas ultimas minudencias, á fabricação impecavel, d'uma elegancia e perfeição inexcediveis, da casa Leitão & Irmão, de Lisboa.

Basta citar a monumental taça manuelina, offerecida por Sua Magestade El-Rei ao Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, o bem lançado calice jubilar de S. S. Leão XIII, offerecido por El-Rei D. Luiz, a riquissima baixella Barahona, notavel em toda a parte, o precioso cofre, offerecido pelos representantes do commercio, industria e agricultura da provincia de Angola, a Sua Alteza Real, o Principe D. Luiz Filippe, por occasião da sua viagem á Africa, as innumeras taças para regatas e premios em exposições diversas, os fructeiros cinzelados d'uma grande opulencia de lavores, ao mesmo passo que d'uma severidade subjugante, das epocas de D. João V e D. Manuel, vasos ornamentaes de differentes typos, candelabros artisticos, etc., tudo executado pela casa Leitão & Irmão, para se avaliar da obra variada e altamente artistica d'estes industriaes, que, prestando um verdadeiro culto á arte, teem procurado levantar o fabrico da ourivesaria nas suas officinas á sua mais alta perfeição.»

Temos o maior prazer em reproduzir as palavras do sr. Cincinnato da Costa, não só porque importam inteira justiça, mas ainda porque vem ao encontro do que nesta revista se tem afirmado com respeito aos srs. Leitão & Irmão.

Lendo uma monografia que temos presente *Leitão & Irmão, joalheiros da Corôa, na Exposição do Rio de Janeiro, 1908*, ella nos diz da fundação desta casa que data de 1840, estabelecida no Porto, no antigo arruamento dos ourives da rua das Flôres. Ali se fabricavam as classicas e caracteristicas obras de filigrana, de corações, arrecadas e cruzes, que constituem o luxo e a felicidade das mulheres do Minho e Douro.

Em 1877, porém, a casa Leitão & Irmão, estabeleceu-se em Lisboa, no largo das Duas Egrejas, e principiou uma nova era de desenvolvimento e progresso nos seus trabalhos. «... planeou o seu programa da nova ourivesaria portuguêsa, com caracter genuinamente nativo, obedecia instinctivamente ás suas tendencias primitivas, originaes. Nascera da arte popular e remontava a ella com novas adaptações e aplicações.»

Palavras da monografia citada, e assim foi. A olaria, o mobiliario português forneceu-lhe fórmas e motivos decorativos nacionaes. Os mesmos foi buscar á arquitetura, na Batalha, nos Jeronimos, no convento de Thomar e nelles encontrou a historia mais gloriosa a colaborar nas suas obras. Aproveitando da Renascença o que de melhor havia, respigou no convento de Mafra, no Paço de Queluz e no Arsenal do Exercito. Estudando e aproveitando todos estes elementos, creou esse belo tipo da ourivesaria portuguêsa moderna, que não desmerece das gloriosas tradições da ourivesaria nacional, perdidas, e que antes é mais béla, como o provam as primorosas obras que tem apresentado, e de que acima se fez referencia.

## Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

### OUIDA

*(Continuado do n.º 1067)*

X

Depois da morte do creado, Biancon, o nome do sabio cirurgião inglez tornara-se conhecido e venerado entre os da sua profissão em Veneza. Sem duvida, o misero servo havia morrido do abalo nervoso, mas isso era cousa de pouca monta. A operação fôra em extremo feliz, scientificamente falando. Tinha sido admiravelmente executada, e, como elle dissera a Veronica, tinha resolvido uma duvida que não podia, sem um paciente humano, ter sido satisfatoriamente dissipada. A sua pericia, a sua destreza manual, a sua coragem, eram themas de louvor universal, e mais de uma

pessoa rica do Veneto foi observada por elle, e sujeitou-se ao seu tratamento.

Adrianis via-o pouco de dia, mas a maior parte das noites na *prima sera* encontravam-se no Palazzo Zaranegra. Ahi Damer falava pouco, mas as suas palavras produziam effeito; e, quando estava silencioso, figurava a joven dona da casa que o seu silencio era odiosamente eloquente, porque parecia sempre dizer-lhe: — «Que tola creatura sois! Que tola creatura amaes!»

Algumas vezes parecia dizer-lhe ainda atravez da extensão do salão illuminado, perfumado e coberto de flôres: «E se eu prohibir a vossa mutua paixão? Se eu impedir o seu goso?»

Longe da sua presença, ella ridicularizava essas idéas, mas na presença eram realidades para ella, realidades que a assustavam e perseguiam.

— Como eu quizera que nunca o tivesseis trazido aqui: — Oh! como eu o quizera! — disse ella uma vez a Adrianis.

Estavam na Piazza de S. Marcos; a noite ia adeantada; cercava-os a turba jovial do verão; a lua cheia brilhava no céo em todo o seu esplendor; o riso e as alegres conversações confundiam-se com o murmurio da agua e o cadenciar dos remos. Nos espaços illuminados por baixo das columnadas havia gente que ceava, namoricava e folgava como no tempo de Goldoni.

— Não sois um pouco injusta commigo? — disse Adrianis com brandura. — Não tive outro remedio, procedendo com probidade vulgar, senão dizer-vos que não tinha sido eu quem achou as opalas; e desejastes ver a pessoa que as achara, e agradecer-lhe.

— Oh! bem sei! bem sei! disse ella com um suspiro impaciente. — Taes cousas são sempre por nossa culpa. Elle matou Biancon, e basta só a sua presença para me affligir.

— Pois dizei-lh'o.

— Não me atrevo.

— Quereis que lh'o diga da vossa parte?

Ella encarou-o com o olhar embevecido e assustado de uma creança amedrontada.

— Oh! não, não! Offender-se-ia. Poderia ter alguma questão comvosco. Não! Peço-vos que não façaes tal.

— A sua colera não tem terrores para mim — disse elle com um sorriso. — Sabeis que a vossa vontade é a minha lei, assim para o silencio como para a fala.

— Limonate? Arancie? Gelate? Confetti? — apregoava um rapaz, empurrando os com o seu taboleiro de bebidas do verão, gelados, fructas e doces.

— Vamo nos; é tarde; e esta gente faz muita bulha — disse a aia.

Adrianis foi com ellas até á gondola, que as esperava para além dos pilares. Não ousou offerecer se para as acompanhar, porque a hora estava adeantada, e a senhora mais edosa, da familia Zaranegra, era rigida na observancia da etiqueta. Seguiu com os olhos a gondola avançar por entre as muitas que a i estavam esperando, e depois voltou para a praça quando os dois vulcanos da torre do relogio batiam na bigorna com os seus martellos as doze pancadas da meia noite. Viu entre a multidão o pallido e pensativo semblante de Damer. Acaso ouvira elle o que a joven condessa lhe tinha dito? Era impossivel inferi-lo da sua expressão: contemplava os quatro cavallos de bronze, sentado, com um jornal da noite sobre os joelhos, a uma mesa pequena, tendo adeante de si uma limonada intacta.

— Não sabia que estaveis aqui — disse Adrianis. Este espectaculo é demasiado frivolo para vós. Pensaes em dissecar os cavallos da basilica de S. Marcos?

Damer sorriu-se ligeiramente.

— Talvez achasse defeituosa a sua anatomia. Não sou artista, ou sequer critico de arte, senão faria objecções á attitude de elles. O movimento detido é cousa demasiadamente momentanea para se perpetuar em metal ou em pedra.

Adrianis levantou os olhos para os cavallos levantados.

— Pode fazer se a mesma objecção á estatua de Colleone, por estar sentado direito e immovel durante seculos.

— Nada, isso é cousa absolutamente diversa. Colleone está em repouso, e aquelles cavallos além saltam com violencia.

— Sois excessivamente subtil para mim! Só me é dado admirar. Bem sabeis que não passo de um ignorante. Tendes aqui estado ha muito tempo?

— Ha meia hora.

Ouvira elle? Adrianis pasmava. Era impossivel dize lo.

— Raras vezes vos vejo agora — accrescentou. — Tendes-vos tornado muito insociavel.

— Não dou fé que tenha sido jámais sociavel. Gente muito occupada não pode sel-o. Vêdes que tenho aqui um jornal e que o não leio; tenho uma *bevanda* e não a tomo. Vi a condessa Zaranegra, e não lhe falei.

Dir-se-ia que a resposta, mais extensa e mais zombeteira do que estava nos habitos de Damer, era dada com intenção.

Adrianis guardou silencio. Quiz dizer a Damer que a sua presença era desagradavel á dama de quem falara, mas hesitou; temeu-se de a comprometter, de parecer blazonar de alguma confidencia que ella lhe fizesse.

— Sabieis — perguntou elle em voz baixa — que o seu pobre creado morreria da operação?

Damer relanceou-lhe um olhar frio e desdenhoso.

— Não trato de assumptos profissionaes com leigos — disse elle, concisamente.

— Não falo — replicou Adrianis — do ponto de vista scientifico. Falo, sim, do ponto de vista da humanidade.

— A humanidade não vem para o caso — disse Damer com desprezo. — Espero que não me leveis á conta de offensa pedir vos que vos limiteis a falar do que entendeis.

*(Continúa).* ALBERTO TELLES.

# A VELHA LISBOA

## (Memorias de um bairro)

### CAPITULO XV

*(Continuado do n.º 1068)*

O administrador geral que substituiu a Junta em 1810 foi Joaquim Xavier Annes da Costa, oficial da Secretaria de Fazenda. Esta nomeação visou apenas a por um termo ás discusões e rivalidades que paralisavam as ações das Juntas, centralisando em um só individuo todo o governo da Imprensa.

Foi das mais prosperas e mais acertadas esta administração. Só a politica conseguiu dificulta-la. Annes da Costa era absolutista e como os adversarios politicos nunca se poupam uns aos outros, mesmo quando os interesses da nação são prejudicados nessas animosidades, veio o governo liberal e demitiu-o, substituindo-o por Luis Torcato de Lemos e Figueiredo que nada fez digno de menção. Restabelecido o absolutismo foi Annes da Costa reintegrado no seu logar, em 28 de junho de 1823 e exerceu-o até o dia em que o duque da Terceira, comandando as tropas liberaes, entrou em Lisboa.

Durante essa administração foram innumeros os melhoramentos e augmentaram sensivelmente as rendas da Imprensa Régia principalmente entre os annos de 1810 a 1821.

Em 1816, sem ser preciso recorrer aos cofres do Estado, poude a administração adquirir, por quatro contos e oitocentos mil réis (!) o edificio em que se achava instalada com todas as suas pertenças, gastando-se nas obras de ampliação, que ainda hoje se podem precisar exteriormente, muito mais do que o seu custo.

Ficou então a imprensa optimamente acomodada para as exigencias da época.

Foi nesse periodo aureo que se mandaram construir os trêse prelos á *Stanhope* pelo modelo de uns que tinham vindo de Inglaterra, e que se gravaram numerosos punções e se cravaram identico numero de matrizes. Foi Annes da Costa quem aperfeiçoou os processos de fabrico das cartas de jogar, cuja oficina estava pessimamente instalada sob um telheiro provisorio, e os levou até ao mais elevado progresso.

Cerca de 2:000 volumes foram publicados desde 1811 a 1833, avultando de entre ellas muitas obras preciosas cuja perfeição e nitidez igualavam as das melhores oficinas estrangeiras.

O numeroso material tipográfico que a imprensa possuia era do melhor que nesse tempo se fabricava, e estava avaliado em mais de vinte contos de réis. (1)

Por essa época chegou tambem ao maior aperfeiçoamento a aula de gravura, creada por decreto de 26 de janeiro de 1802 e posto imediatamente sob a direção do grande Francisco Bartholozi (2) que morreu em 1815, depois de ter ilustrado subidamente a sua arte. Esta escola foi desanexada da Imprensa por decreto de 5 de janeiro de 1805, passando a ficar sob a inspecção do ministerio da guerra e em 1833 acabou definitivamente de funcionar junto da Imprensa Régia, que nesse anno foi crismada para Imprensa Nacional.

Por decreto de 10 de outubro de 1832 foi extinto o privilegio das cartas de jogar ficando livre o seu fabrico e a sua venda a qualquer pessoa comtanto que todos os macetes fossem marcados com o sello do fabricante.

Acabavam se assim os privilegios a pouco e pouco, á medida que outras disposições de maior alcance iam sendo promulgadas como, por exemplo, a livre entrada no pais, durante dez annos, de todo papel, drogas, maquinas e utensilios que viessem de fóra para uso e consumo desse estabelecimento. (1)

* * *

Tendo falecido Annes da Costa, foi nomeado para o logar de administrador da Imprensa, por decreto de 29 de agosto de 1833, Rodrigo da Fonseca Magalhães que pouco tempo o exerceu. Pela sua saida entrou a substitui-lo Antonio de Oliveira Marreca, nomeado administrador por decreto de 27 de junho de 1835, e a este seguiu-se uma comissão administrativa, em que entravam José Liberato Freire de Carvalho, João Vieira Caldas, Gaspar José Marques e Augusto Zacharias Lopes que servia de secretario. Sendo esta comissão dissolvida, por decreto de 27 de junho do anno seguinte, tornou Antonio de Oliveira Marreca a ser nomeado administrador e depois, em setembro desse mesmo anno, João Liberato Freire de Carvalho durante cuja administração foi creada uma oficina lithográfica. Não deram resultado estas continuas mudanças de governo e em agosto de 1838 foi nomeado José Frederico Pereira Marecos que exerceu o logar até 27 de setembro de 1844, em que faleceu, sucedendo-lhe seu irmão Firmo Augusto Pereira Marecos. Durante a administração destes ultimos a Imprensa progrediu notavelmente.

José Frederico foi um zeloso administrador. Estudou profundamente esse ramo do serviço publico e a elle se deve o excelente relatorio dos annos de 1839 e 1840. A instancias suas e por portaria de 16 de maio de 1843 foi-lhe concedido um subsidio de oito contos de réis para ir ao estrangeiro estudar e visitar os primeiros estabelecimentos tipográficos e as melhores fabricas de fundição de tipo.

Tanto as impressões scientificas da sua viagem como a noticia desenvolvida e documentada dos ultimos progressos tipográficos veem, minuciosamente descriptas, no relatorio por elle apresentado ao governo, onde tambem juntou uma noticia historica do estabelecimento da qual extraí'a maior parte destas noticias Este relatorio mereceu uma portaria de louvor passada em 18 de março de 1844.

Taes visitas, como antigamente se faziam, tinham uma manifesta utilidade pratica. Actualmente degeneraram em simples passeios recreativos, usados como pretexto para proteger os favoritos e nada mais.

Firmo Marecos fez tambem, em 1855, uma viagem a Inglaterra, França e Belgica para examinar as mais acreditadas oficinas e inteirar-se dos processos mais adiantados, afim de adquirir um grande prélo mecanico, dois prélos comuns, varios jogos de matrizes de tipos, vinhetas modernas e alguns utensilios cuja acquisição se tornava mistér.

O relatorio, apresentado a 18 de abril desse anno, mereceu que, a 5 de maio, lhe fosse passada uma portaria de louvor.

Em abril de 1846 foi creada tambem uma caixa de socorros para os empregados e operarios da imprensa que se inhabilitarem por doença ou desastre.

Por morte do conselheiro Marecos foi nomeado para a administração da Imprensa, por decreto de 26 de janeiro de 1878, o sr. conselheiro Venancio Deslandes, descendente dos antigos impressores Valentim e Miguel Deslandes, que ainda hoje dirige este estabelecimento, não deixando quebrar as tradições dos seus maiores que tem, disse-o já uma autoridade, um logar proeminente nos fastos nobiliarchicos da tipografia.

*(Continúa.)* G. DE MATOS SEQUEIRA.

---

(1) Desde 1811 e 1821 rendeu a Imprensa a média annual de 51:644$947 réis — No periodo decorrido desde 1822 a 1832 decresceu essa media a 40:028$755 réis.

(2) Já em 1769 se anexára á Imprensa a aula de gravura de Joaquim Carneiro da Silva.

(1) Decreto de 19 de setembro de 1831.

## A Fortaleza de S. Thiago na ilha da Madeira

Nos tempos do primeiro donatario da Madeira se construiu ali o primeiro baluarte, depois fortaleza de S. Lourenço, a qual era guarnecida com os bombardeiros enviados do continente, em numero de seis, vencendo ordenado e não soldo, com comedorias de pão e vinho, custas e paga de transportes, sendo lhes conferido tambem alvarás de filhamento ou fóros de nobreza etc.

Durante o dominio espanhol, a Madeira foi toda guarnecida de tropas castelhanas, que nella se fortificaram e estabeleceram a defeza mixta terestre e maritima, completando os muros de circunvalação com seus redutos e construindo sobre o Pico das Frias, a noroeste da cidade, o castelo de S. João.

Já a esse tempo existia a fortaleza de S. Thiago, que foi evacuada pelas forças espanholas assim como as mais, a 11 de janeiro de 1641, quando da Restauração de Portugal.

FORTALEZA DE S. THIAGO, NA ILHA DA MADEIRA
ONDE ESTIVERAM AQUARTELADAS TROPAS INGLEZAS NOS PRINCIPIOS DO SECULO XIX

Sobre isto se passou mais de um seculo até qne a ilha da Madeira fosse guarnecida por tropa regular e permanente, em tempo de D. José I, sendo creadas as companhias de infantaria e artilharia, esta sob o titulo de Companhia do presidio da fortaleza de S. Lourenço.

A fortaleza de S. Thiago, construida talvez, nos principios do seculo XVII como se deprehende de uma inscrição que se vê ainda sobre uma das portas das armas, com a data de 1614, foi acaso durante muitos annos defeza eficaz quer nas guerras quer nos assaltos audaciosos dos piratas que infestavam os mares, Na sua historia tambem conta o ter sido aquartelamento das tropas inglêsas, que nos principios do seculo passado ocuparam aquella ilha, juntamente com as forças portuguêsas.